

## A LITERATURA NA ERA DIGITAL

*Adriane Camara de Oliveira*<sup>5</sup>

### RESUMO

O texto pretende fazer uma breve reflexão da literatura na atualidade, mais precisamente de algumas que sofreram diretamente a influência da tecnologia digital como ferramenta que se apropria da escrita, remodelando as tradicionais características dos gêneros literários analisados aqui: contos e romances. A pesquisa também busca retratar a reação dos escritores ao suporte digital, identificando nas obras um aproveitamento temático, a incorporação formal de técnicas de escrita e de leitura típicas da cultura digital. Procuramos indagar como ocorre esse aproveitamento temático, uma vez que a literatura digital explora novas possibilidades formais com o desenvolvimento de tecnologias visuais e sonoras. Portanto, levando em consideração as inúmeras possibilidades criadas pelo computador, se faz urgente discutir essas questões, principalmente para quem pretende se dedicar à literatura contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura. Informática. Tecnologia digital. Informática.

Pretendemos refletir sobre o possível papel do universo digital na literatura brasileira contemporânea. Tal reflexão encontra estímulo numa comparação: a importância que o cinema teve para os autores modernistas. Como se sabe, eles foram muito influenciados pelas técnicas cinematográficas de montagem e suas relações

---

<sup>5</sup> Doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense, supervisora do Pibid/Capes/UERJ de pedagogia, professora de língua portuguesa e literatura do CECMS e do município de Maricá. E-mail: [prof.adriane@yahoo.com.br](mailto:prof.adriane@yahoo.com.br)

com o tempo da narrativa. Podemos supor que no futuro o mesmo será dito em relação ao universo digital?

No tocante à literatura que *se produz hoje* no Brasil desejamos pesquisar a reação dos escritores às características do suporte digital. Podemos identificar um aproveitamento temático da informática em contos, novelas e romances? Podemos surpreender uma incorporação formal de técnicas de escrita e de leitura típicas da cultura digital? Qual a relevância do conceito de hipertexto na literatura contemporânea?

Como a literatura pretende utilizar-se desse meio serão os temas deste trabalho. Os conceitos de hipertextualidade<sup>6</sup> e autoria, já foram anunciados no livro coletivo *Literatura e Informática*, organizado por José Luís Jobim. Vejamos as citações referentes ao problema da autoria no espaço reservado ao domínio público na internet:

(...) Você poderia fazer o que quisesse com a obra, sendo esta de domínio público, mas não com o programa que é o suporte no qual ela se apresenta. Do jeito que o *Digital millenium copyright act* está redigido, ele pode impedir inclusive usos considerados legais pela legislação vigente nos EUA sobre direitos autorais. Essa legislação permitiria, por exemplo, que eu fizesse uma cópia digital para meu próprio uso de uma obra que eu tivesse adquirido. Contudo, se a obra viesse em “.pdf”, vedado à cópia, então seria crime eu usar qualquer artifício para evitar o sistema de proteção e gestão de direitos autorais desse programa. (JOBIM, 2002, p. 123)

Desejamos, assim, pesquisar a reação dos escritores às características do suporte digital, indagando como ocorre esse aproveitamento temático da informática nos gêneros literários. Investigando também a incorporação formal de técnicas de escrita e leitura típicas da cultura digital. A poesia concreta associa imagem ao

---

<sup>6</sup> Em relação ao hipertexto, remetemos aos já clássicos livros de Landow (1997). No tocante à literatura brasileira, recomendamos Pavani e Schüller (2000). Este livro representa uma das primeiras tentativas de refletir sobre os efeitos da informática na análise literária.

poema, o que de certa forma, antecipou possibilidades que hoje a internet potencializou. Assim concordamos com a definição da literatura digital como “a exploração das possibilidades formais surgidas com o desenvolvimento de tecnologias visuais e sonoras, como o vídeo, o computador e a edição eletrônica de textos”.<sup>7</sup>

Não é verdade que a incorporação de críticas à literatura digital se trata de tarefa urgente para quem se dedica à literatura contemporânea? Em outros tempos, a máquina de escrever exigiu do usuário muito mais do que uma acomodação automática a técnica diferente de registro, levando-se em consideração as inúmeras possibilidades criadas pelo computador, para muito além somos levados. A antologia de contos *Geração 90: Manuscritos de Computador*, de Nelson de Oliveira, tem um sugestivo subtítulo precisamente porque reconhece essa modificação, ao mencionar a “popularização do *personal computer*, da Internet e do e-mail”. (OLIVEIRA, 2001, p. 8)

A fim de buscar respostas para as indagações que norteiam este trabalho, destacaremos as obras nas quais a presença do universo digital apareça, seja como tema, seja como recurso formal. Pretendemos analisar o seguinte *corpus*: *Samba-enredo* (1994), de João Almino; *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001), de Luiz Ruffato; a antologia de contos *Geração 90: Manuscritos de Computador* (2001), organizada por Nelson de Oliveira; *Cybersenzala* (2006), de Jair Ferreira dos Santos; e *Purgatório: (A Verdadeira História de Dante e Beatriz)* (2007), de Mario Prata.

Em relação à literatura brasileira contemporânea, o estímulo inicial de nossa reflexão surgiu da leitura da primeira obra citada, foi provavelmente um dos primeiros textos a incorporar temas e técnicas narrativas do universo digital. O romance tem quarenta e

---

<sup>7</sup> *Enciclopédia Itaú Cultural de Literatura Brasileira*. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=definicoes\\_texto&cd\\_verbete=6165&cd\\_item=46](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=definicoes_texto&cd_verbete=6165&cd_item=46).

nove capítulos, na primeira página de cada capítulo vemos um simulacro da tela do computador; aliás, é o próprio computador que narra a história. João Almino amplia ainda mais essa questão, pois tanto a dedicatória como o posfácio – tipicamente assinados pelo escritor – serão também de autoria da narradora G. G.

Desse modo, retomamos uma questão central para os estudos de cibernética: pode-se viver uma vida virtual “ativamente”? É o que um fenômeno dos nossos dias parece prometer (e cumprir): a chamada febre da *second life*. Ora, atualmente cursos universitários estimulam seus alunos a ingressar no mundo da *second life* como uma forma adicional de preparação para o futuro exercício de suas profissões! O romance de João Almino, portanto, antecipou uma preocupação cada vez mais presente, esclarecendo tanto a relevância do tema, quanto os demais textos que estudaremos.

E não é tudo: em boa parte do texto, a linguagem do narrador é de poucos recursos linguísticos – numa instigante apresentação do traço binário da linguagem codificada do mundo digital, que se transforma, assim, em forma literária. Em outro momento da narrativa, a personagem Sílvia será mostrada como fantasma, às vezes menor ou maior dependendo da seleção do tamanho da sua foto<sup>8</sup>, trata-se de um recurso usual da própria máquina: “a vejo ampliada, bem maior do que ela é na realidade. Em nova forma, sou toda olhos” (ALMINO, 1994, p. 16).<sup>9</sup>

A narradora, o computador, envolve-se emocionalmente com a personagem Sílvia, que utilizará a máquina para abrir os dados arquivados sobre a morte do presidente, também seu pai. Em outros momentos, o computador demonstrará distanciamento:

---

<sup>8</sup> Nesse ponto os recursos do computador serão instrumentos utilizados metaforicamente na expressão de sentimentos entre Gigi e Sílvia.

<sup>9</sup> Nas próximas referências ao romance, indicaremos somente a páginas após a citação.

“a maior virtude é a indiferença” (p. 75). Serão apresentados fatos e reflexões, mas o escritor estabelece um jogo, onde nem sempre é possível perceber o momento em que a máquina fornece dados, projeta imagens ou apenas estaria sendo acessada por Sílvia. Desse modo, a história parece ser o início de um “contrato assinado” por Gigi e Sílvia, onde ambas buscam recuperar o assassinato do presidente Paulo Antônio Fernandes, no centenário de sua morte. Faz-se, então, uma retrospectiva da história do Brasil, misturando o sistema político ao carnaval, com os seguintes temas:

o descobrimento do Brasil, o reinado de Pedro II, a Guerra do Paraguai, o fim do mundo, o presidente Vargas, a pós-guerra fria, a construção de uma estrada no interior do Acre, até uma festa de Santa Luzia (p. 22).

Esse autêntico samba-enredo termina com “a libertação dos escravos” (p. 23). O autor através do romance retoma fatos históricos, através de um presidente fictício que homenageia JK e seu programa de governo “dez anos em um”:

Propõe uma revolução capitalista com a crescente incorporação dos marginalizados e a multiplicação do número de proprietários, no campo e nas cidades. Declara guerras aos bandidos. Recomenda, para acabar com a miséria, dezenas de medidas e, se necessário, até mesmo dobrar a dívida. Pretende valorizar o serviço público, aumentar a eficiência e a produtividade, investir em tecnologias, liberar a imaginação... (p. 39)

Outro livro para o tema do nosso trabalho foi publicado recentemente, *Purgatório: (a verdadeira história de Dante e Beatriz)*, de Mario Prata. Ele introduz de forma inusitada a internet na ficção, pois ela será utilizada como meio de comunicação entre vivos e mortos, através do que denomina TCI (Transcomunicação Instrumental), conforme declara a personagem, Beatriz, depois de falecida, num e-mail encaminhado para Dante:

*Isso se chama TCI. Transcomunicação Instrumental.*

- Vá à merda!!!

*Linguagem em (Re)vista, Ano 09, Nºs 17-18. Niterói, 2014*

Dante desligou o Messenger, desligou o computador. Mas, antes, salvou a conversa e imprimiu.

TCI, era só o que me faltava. (PRATA, 2007, p. 28)<sup>10</sup>

O livro começa contando a história de um gerente de banco e seu amigo, que estão entediados com a vida de funcionários do Banco do Brasil. Até que o personagem Dante recebe um e-mail da antiga namorada, Beatriz. Ele fica empolgado e modifica a sua rotina para revê-la, só que um acidente acabará adiando definitivamente o encontro. Beatriz morre e vai para o Purgatório, mas continuará mandando e-mails para Dante.

Após a desconfiança inicial, ele modificará sua conduta para reencontrá-la nesse lugar. Aqui, a crítica do autor parece dirigir-se aos preceitos da Igreja Católica, pois a trama revela ironicamente o jogo de castigos e perdões, que daria aos cristãos “ingressos” para determinados lugares no Céu. Aliás, o Purgatório será considerado por ambos como o verdadeiro Paraíso, pois, em sonho, o personagem foi informado que no Paraíso encontraria suas tias beatas, dando-lhes xarope, ao passo que o Inferno seria praticamente o próprio local onde trabalha. No livro, quem explica essa reflexão é Leonardo da Vinci – direto do Purgatório:

– É que, daquele jeito, a humanidade acabaria por mudar de religião, voltar aos Bezerros de Ouro. Mas, não sei qual foi a Agência que eles contrataram, descobriram que a alma do negócio era o Purgatório. Pecou um pouco, arrependeu, pecou mais um pouco, deu umas esmolos, comprou uma indulgência, construiu um templo, comprou uma rifa de um frango, pronto, já podia esperar pela possibilidade de um lugar diferente, (...).

– E o Vaticano começou a ganhar muito dinheiro. (p. 118 e 119)

Toda a trama é arquitetada por Beatriz, que mesmo falecida tenta matar Dante, como fez com todos os Dantes que encontrou em seu caminho. O escritor esclarece que esse enredo fantástico trata de uma possível biografia do próprio Dante Alighieri, escritor

---

<sup>10</sup> Nas próximas referências ao romance, indicaremos somente a páginas após a citação.

da *Divina Comédia*, pois contam que ele escreveu essa história depois da morte de sua amada.

(...) Mas Beatriz, a do Alighieri, nunca o perdoou. Beatriz morreu logo depois e Dante começou a escrever a *Divina Comédia* que, na opinião de alguns e da minha irmã, é a saga de Dante procurando por Beatrice desde o Inferno, passando pelo Purgatório e a encontrando no Céu, ao lado de Deus. Pelo menos foi o resumo que a minha irmã fez aqui. Não sei até que ponto... (p. 257 e 258)

Entre biografias, alusões, críticas ao sistema capitalista e as religiões – como candomblé, Santo Daime, espiritismo e a igreja católica – há reflexões sobre o afastamento da realidade através da religiosidade e do computador. O final, de corte inegavelmente moralista, supõe uma alternativa: a criação de uma comunidade com regras próprias. Daí os casais, no desfecho, se retirarem para um lugar chamado “Casa Grande”, lá todos os seus membros viveriam em harmonia e colhendo frutos da própria terra. Tanto a referência a casa quanto o nome do chefe de Dante, Simão Bacamarte, parecem aludir à novela *O Alienista*, de Machado de Assis.

Adotaremos uma metodologia de leitura que não imponha aos textos literários um modelo teórico rígido, reduzindo a diversidade e complexidade dos autores estudados a esquemas preconcebidos. Muito pelo contrário, estabeleceremos nosso modelo teórico a partir da leitura cerrada do *corpus* literário, preservando nas eventuais conclusões a pluralidade constitutiva da literatura brasileira contemporânea.

Tal proposta metodológica definiu o *corpus* constituído por obras que lidam com o universo digital, temática ou formalmente. Em *Eles Eram Muitos Cavalos*, de Luiz Ruffato, a estrutura fragmentária da narrativa já foi comparada por muitos críticos a uma espécie de mosaico que pode ser montado e remontado como se estivéssemos diante de um elaborado hipertexto. Um dos contos de *Cybersenzala* tem como título o site de uma agência funeral [www.joy&peacefuneraldesign.com](http://www.joy&peacefuneraldesign.com). Ademais, a própria estrutura

formal do conto é uma notável reflexão sobre a natureza do hipertexto, compreendido como labirinto, pois os subtítulos têm a função de *links*, compondo “um sistema fundamentalmente intertextual” de remissões e referências (LANDOW, 1992, p. 35).

Em *Purgatório*, Mário Prata atualiza a célebre história de Dante e Beatriz, utilizando como recurso narrativo mensagens de correio eletrônico enviadas pela protagonista morta. Estamos assistindo o surgimento de uma “literatura digital”? Isso é, de uma forma literária que reflete criticamente sobre os novos meios de comunicação?

O tema do hipertexto, na era digital, supõe uma importante alteração para os estudos literários. Não se trata apenas de um texto que promissoriamente ampliaria a capacidade do leitor em interpretar, mas uma ferramenta utilizada para abertura de novas janelas – num sentido até mesmo literal, ressalve-se. Portanto, o texto atrairia novas possibilidades de informação sobre o conteúdo inicial, o que não equivale necessariamente a novas interpretações, pois ele tanto poderá se manter fiel ao tema como explorar muitos outros em um “mundo” de opções.

Em *Eles Eram Muitos Cavalos*, o título traz um verso da poetisa Cecília Meireles, para quem, aliás, o escritor parece também dedicar a sua obra. Faremos a seguir um breve comentário dos exemplos de hipertextualidade na obra. Nos capítulos que se seguem, o 3 – “Hagiologia”, narra a história de Santa Catarina de Bolonha; 10 – “O que quer uma mulher”, lembra a teoria de Freud, na obra *O Que Deseja Uma Mulher*; 60 – “Ciúmes”, lembra qualquer livro de autoajuda, recheado de soluções mágicas; 31 – “Fé”, é a colagem da Oração de Santo Expedito e a penúltima página em preto revela a morte, aludindo, assim, à obra de Laurence Sterne. Tal característica já foi destacada pela crítica mais recente:

***Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup> 17-18. Niterói, 2014***

(...) Os textos de Oswald de Andrade (*Memórias Sentimentais de João Miramar*) e Cecília Meireles (*Romanceiro da Inconfidência*) estão virtualmente presentes no hipertexto de Ruffato, podendo ser atualizados pelo leitor. (VIEGAS, 2005, p. 39)

O livro revela ainda uma importante característica na marcação do tempo. Na primeira linha: “1 – Cabeçalho São Paulo, 9 de maio de 2000”, parece informar que a cidade de São Paulo revelar-se-ia na sucessão de acontecimentos cotidianos. A fim de confirmarmos esta ideia no capítulo 50 – “Carta”, a data apenas sete dias antes da informada na primeira página, poderia estar sendo lida no dia nove, ou seja, estaria sendo aberta pelo seu destinatário, no momento em que o leitor lesse o romance. Vemos também a intensidade vivida pelos habitantes, que em apenas um dia, vivenciam grandes tragédias e muitas disparidades culturais. É como se fôssemos penetrando em cada casa, quarto de hotel, táxi, ônibus, carros importados, bares, tudo ao mesmo tempo – a visão rápida de um internauta. Ao penetrarmos nos sentimentos dos personagens vemos indícios de vários transtornos, habitantes impotentes para realizar qualquer mudança.

Em relação à estrutura, verificamos as descrições exaustivas provocadas pelo fluxo de consciência, confirmado num ritmo vertiginoso de leitura às vezes sem pontuação. O texto se apresenta bem dinâmico com constantes mudanças de narrador. Textos com letras de música ou poesia concretista, com a introdução de objetos para contar a história de personagens. Além dos consumistas de objetos, pessoas e personalidades, na citação o próprio objeto do nosso estudo, a internet:

Trocaríamos e-mails e encheríamos o computador se spams, piadas de português, correntes da felicidade, abaixo-assinados, alertas sobre a descoberta de novos vírus, as mais recentes modalidades de crimes, fotos indecentes, vídeos de sacanagem, charges e até mesmo endereços interessantes, lojas virtuais de cedes e de livros, e descobriríamos afinidades que insuspeitávamos e toda sexta-feira nos encontraríamos para o *happy hour* num barzinho da Lapa. (RUFFATO, 2001, p. 45)

As várias situações descritas quase nunca terão desfecho, como já anunciamos o último capítulo mostra um cardápio requintado, na sequência as páginas em preto poderão ser uma referência a Sterne, mas cabe ao leitor associar o efeito produzido pela página em negro da obra *Tristram Shandy*. Aqui também prenunciam a morte, confirmada na indiferença dos vizinhos.

(...)

– Deve ter sido facada... pelo jeito...

– E a gente não vai fazer nada?

– Fazer? Fazer o quê, mulher? Fica quieta... E se tem alguém lá fora? de tocaia?

(Pausa)

– Parou...

– O quê?

(...)

– É... Parou mesmo... Vamos lá agora?

– Não!

– Por quê?

– Porque... porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir... Vai... vira pro canto e dorme... Amanhã... amanhã a gente vê... Amanhã a gente fica sabendo... Dorme... vai... (p. 149 e 150)

Jair Ferreira dos Santos é o autor de *Cybersenzala*. O livro tem um título expressivo, dois substantivos de ideias opostas parecem referir-se ao perfil dos personagens, inseridos na classe média brasileira. Tecnologia de ponta e atraso social convivem como se não fossem paradoxais. No conto que dá nome ao livro, amigos se encontram em uma boate, todos parecem pertencer a um grupo de pessoas sem grandes problemas financeiros, pois consomem drogas, comentam sobre cirurgias plásticas, ao mesmo tempo reclamam do stress do cotidiano. A referência ao *Cybersenzala* ocorre quando uma das personagens, Mônica, desiste de continuar na empresa. Vejamos:

*Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup> 17-18. Niterói, 2014*

“Então a senhora vai deixar o cybersenzala”, é o que consegue articular.

“Cybersenzala nunca mais. Adeus conexões que caem, máquinas que dão pau, adeus almoço na baia e o estresse nosso de cada dia.”

“É triste mais nada contra”, apoia Pepe. (...) (SANTOS, 2006, p. 105)<sup>11</sup>

No entanto, para o nosso tema será ainda mais proveitoso o último conto, cujo título é um site da agência funeral [www.joy&peacefuneraldesign.com](http://www.joy&peacefuneraldesign.com). E não é tudo: os subtítulos desse site seriam links com informações referentes à própria agência. Poderia simbolizar a criatividade maliciosa do autor ao tratar do sistema capitalista, sempre voltado para o consumo, fornecendo informações precisas e sempre disponíveis para o consumo imediato dessa nova forma de morrer. Toda essa contabilidade mortuária é apresentada na ideia de satisfação para todos os gostos, o que inclui até a maquiagem do falecido: trata-se da necromaquiagem. Mas, caso o morto tenha sofrido um acidente e seu rosto esteja transfigurado, a opção é a cirurgia plástica, assim o falecido continuará fazendo uma figura sociável até o final.

Reconstituição cirúrgica – É exigência estética e psicológica. O jacente deve vir a público apresentável, sem as marcas da *causa mortis*. A J&P tem uma abordagem própria para os corpos não recuperáveis. (p. 161)

Já nos últimos três parágrafos, a agência funeral agradece ao acesso e pede que seja divulgado o site, podemos, nesse ponto, interpretar como uma visão mais poética do narrador/autor do livro que agora se despede:

A Joy & Peace Funeral Design agradece o acesso a este site e fica na expectativa de que seu conteúdo tenha sido convincente o bastante para ser divulgado.

---

<sup>11</sup> Nas próximas referências ao romance, indicaremos somente a páginas após a citação.

***Linguagem em (Re)vista, Ano 09, Nºs 17-18. Niterói, 2014***

Para breve, informamos, acrescentamos à sua oferta o item *Políticas de Perdão*, serviço voltado para a renegociação vantajosa *post mortem* de débitos e créditos a serem regularizados.

Se o visitante pensa, como nós, que toda a vida é menos um destino que um poema construído gesto a gesto, terá assimilado sem problemas nosso desejo: dedicar o máximo empenho no apoio à criação do seu último verso. (p. 174)

Ao iniciarmos este trabalho nos surpreendemos com as modificações da literatura na era digital. Nas obras citadas vemos modificações na estrutura, nos personagens: um computador como narrador da história; a temporalidade auxiliada por uma mescla de textos carregados de possibilidades hipertextuais, com sites sendo acessados dentro do próprio objeto livro.

Contudo, esclareça-se que nosso interesse reside na compreensão das formas pelas quais os escritores brasileiros contemporâneos relacionam-se crítica e criativamente a tecnologia digital, ressaltando a produtividade deles. Realizando assim um breve levantamento de textos da literatura brasileira contemporânea nos quais a presença do universo digital apareça, seja como tema, seja como recurso formal.

## REFERÊNCIAS

ALMINO, João. *Samba-enredo*: romance. São Paulo: Marco Zero, 1994.

JOBIM, José Luis. A produção textual e a leitura: entre o livro e o computador? In: \_\_\_\_\_. *Formas da teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Literatura & informática*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

LANDOW, P. George. *Hypertext 2.0. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. 2. ed. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Hypertext Theory*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1994.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo, 2001.

PAVANI, Cínara Ferreira; SCHÜLER, Donald. (Orgs.). *Gregório de Matos: texto e hipertexto*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

PRATA, Mario. *Purgatório: a verdadeira história de Dante e Beatriz*. São Paulo: Planeta, 2007.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos de cavalos*. São Paulo: Horizonte, 2007.

\_\_\_\_\_. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Cybersenzala*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VIEGAS, Ana Cláudia. Quando a técnica se faz texto ou a literatura na superfície das redes. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *Literatura e informática*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.